

13/09/2008

Chega de Saudade

Eu poderia telefonar dizendo que estou quase morrendo de saudades de você, que eu te amo – u, mas não quero mais esse negócio de você longe de mim. Não adianta facebook, skype, telefone celular, isso não vai dar certo, não pode dar. Por isso, acordo nessa sexta-feira de manhã, frio violento, garoa caindo, mando meu cobertor para o raio que o parta, me olho no espelho ainda com a cara de ontem e escovo os dentes. Raios, acabou meu Listerine. Penso em tomar um banho, que frio, ligo o chuveiro para ver se consigo alguma simulação de sauna a vapor. O resultado plástico é excelente, mas ao tirar o suéter meu corpo enrijece, meus dentes batem, minhas pernas estremeçam. Encaro a situação de frente, a fumaça domina o espaço, escorrego no sabonete e bato com a cabeça no batente. Ligo o computador, máquina lenta, que tenta, não, que me impede de achar uma maneira de acabar com o que me corrói o coração. Espero, acendo um cigarro, fico afoito, olho para a tela com o mouse na mão. O sistema operacional se inicia e surge a imagem que protege a tela, a imagem que eu quero, sim, a tua, para quem tento ir, pois só assim serei feliz, bem feliz. Entro no site da companhia de avião, procuro o destino e uma tarifa em promoção. Que promoção que nada, agora é manhã de feriado, só no mês que vem, mas a vida é assim, partir logo não tem preço e para todas as outras existe o cartão de crédito. O vôo parte ao meio dia e meia... meia... meia... que porra, esqueci de passar na lavanderia e recolher a leva dessa semana que era nada menos que a das roupas de baixo. Sem cueca, sem lenço, mas com meu e-ticket na mão ligo para o táxi que costuma atender ao meu portão. No tempo combinado o carro chega, finalmente, caminho para o aeroporto, tudo está tão perto, tudo certo, mas que merda, como dois e dois são cinco minha certeza vai por água abaixo. A Brasil está parada e pior seria pela Marginal. Com taxista tudo se ajeita, a gente chora, fala da vida, da dor de barriga, e no fim das contas eles se contentam com a promessa da gorjeta. O chofer faz uma rota alternativa, corta uns carros por aqui, umas faixas por ali, umas madames pelo lado de lá e pronto, estamos indo por trás do Ibirá, o chofer sacando tudo, menos minha pira. E ela é de verdade, ela é forte, é uma ansiedade que vem de longe, que vem de dentro, do tipo explode coração. Ele me sugeriu diversos novos caminhos, nenhum deles eu quis, já estamos em plena Washington Luís e tenho impressão que chegarei mais rápido se não perder o objetivo de vista. No sinal fechado confiro minha passagem, penso em ti: Olá, como vai? Quanto tempo... Desço na rua, atravesso a passarela com minha única mochila e vou dar direto no balcão de check in. Em cima da hora, tento furar a fila, mas os funcionários me seguram, insistem em atender um moço e uma senhora. Conto até dez, respiro fundo, ponho em prática todas as técnicas chinesas de respiração para me acalmar, nosso amor está escrito nas estrelas e não vai parar de rolar. Finalmente tenho acesso ao portão, mostro minha passagem, passo pela barreira, mochila na máquina e cinto na mão. Olho para o painel, enfureço, entristeço, esperneio, olho para o lado e vejo que já estou fazendo feio. Nessa situação, garoa, vento, serração, não tem jeito, não há meio, não sobe avião. Sento de frente para o portão, olhando as gotas escorregarem pela vidraça e mordendo uma maçã. Quem dera tivesse fome para pelo menos ir tomar um café da manhã de verdade. Não arreda o pé daqui, quero logo estar aí, chega de tensão, chega dessa insanidade, vou logo estar contigo, chega de saudade.

Cacá Toledo.